

ACREÇÃO SIMBÓLICA: PROPOSTA DE UMA ANALÍTICA SOBRE IMAGENS, PODERES, SUJEITOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Autor: Itamar Pires Ribeiro

Jornalista, Escritor, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes e Cultura Visual – PPGACV, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás - FAV-UFG. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG

RESUMO

Este artigo propõe um neologismo na área social denominado *acrecção simbólica*, como uma categoria que visa observar, compreender e interpretar fenômenos que se conformam por quatro dimensões: 1) um meio onde flui uma rede de micro poderes; 2) os sujeitos que atuam naquele meio; 3) representações sociais que se reconstruem por esta atuação; 4) alteração da dimensão e natureza das representações sociais. A analítica da acreção simbólica é uma analogia a experimentos realizados em ambiente de micro gravidade, no espaço sideral, que simulariam condições de acreção presentes em disco proto-planetários. O artigo propõe a seguir a análise do que será chamado de acreção simbólica conservadora, situando-a no Brasil, no contexto da segunda década do Século XXI.

PALAVRAS CHAVE: 1 - Acreção simbólica, 2 - conservadorismo, 3 - releitura da ditadura militar, 4 - micro poderes, 5- internet

ABSTRACT

This article proposes an analytical called symbolic accretion, which would be composed of four dimensions: an environment where a network of micro powers flows; the subjects who act in such environment; social representations that rebuild through that acting; change in the dimension and nature of the social representations. The analytical of the symbolic accretion is an analogy to experiments in micro-gravity environment, in outer space, which would simulate accretion conditions present in proto-planetary

disks. The article proposes to follow the analysis of what will be called symbolic conservative accretion, in Brazil, in the context of the second decade of the 21st century.

KEY WORDS: Symbolic accretion, symbolic conservative accretion, change of signification of the military dictatorship, micro power, internet.

1 – Introdução

Para os termos deste artigo propomos uma analítica do fenômeno que denominaremos de *acrecção simbólica*. Por aquela expressão compreendemos uma analogia que, para ser pensável, implica na coexistência de quatro dimensões. A primeira destas dimensões refere-se a um meio onde se constitui uma rede de micropodres, onde o poder flui em linhas de relacionamento que se ligam sem uma ordem hierárquica pré-estabelecida, conformando assim uma espécie de rizoma aberto¹. A segunda dimensão trata dos sujeitos que atuam enquanto participantes da dimensão anteriormente referida e que nela que compartilham conteúdos, informações e representações sociais e os interpretam, se expressam, constroem e reconstroem narrativas que resultam na exposição do privado, do pessoal, do íntimo em um veículo ou meio social. A terceira dimensão se refere às representações sociais que são reatualizadas pela ação dos sujeitos e pelo estabelecimento de relações entre os mesmos, vistos na dimensão anterior. A quarta dimensão diz respeito ao fenômeno propriamente dito, que altera a dimensão e a natureza das representações em processo de *acrecção*.

Fomos buscar a analogia da *acrecção*, como será relatado no desenvolvimento posterior deste artigo, com o processo observado em condições de micro gravidade presentes em discos protoplanetários, objeto de experiências às quais nos referiremos. Como estudo empírico para a analítica do neologismo que propomos neste artigo focamos o fenômeno que passaremos a denominar de *acrecção simbólica conservadora*, fenômeno em curso no Brasil da segunda década do Século XXI, que procuraremos

¹ Para a definição de rizoma valemo-nos da proposição de DELEUZE (2000) em *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*, São Paulo: Editora 34.

analisar em alguns de seus desdobramentos, particularmente naquele que se refere às chamadas redes sociais da internet, nas imagens que circulam nessas redes sociais.

A *acrecção simbólica conservadora* incluiria um elemento de ressignificação positiva do período da ditadura militar? As antigas representações sociais que se constituíam parte do imaginário anticomunista no Brasil foram reatualizadas? Como as relações dos usuários da internet com as redes sociais podem ser analisadas, levando-se em conta as quatro dimensões que propomos como componentes da que estudamos? São estas algumas questões que nos propomos a colocar neste artigo.

A analítica que propomos não pretende abranger o conjunto de movimentos, manifestações e ações políticas, de resto extremamente heterogêneos, que tiveram curso nas ruas das cidades brasileiras entre junho de 2013 e novembro de 2015, nem mesmo as manifestações e expressões veiculadas através de redes sociais. Enfocamos um aspecto, um modo como a *acrecção simbólica* pode ser uma analítica útil para a propor hipóteses que levem a uma maior pensabilidade de fenômenos sociais contemporâneos.

Para os limites deste artigo esclarecemos que o conceito de representação social com o qual trabalhamos neste artigo está intimamente vinculada ao cotidiano, às relações entre pessoas e seu meio social, servindo como modos de interpretação, logo de se situar frente à e na sociedade, posicionando-se, defendendo-se, construído e reforçando ideias das quais a sociedade é matriz e veículo de preservação e circulação. Trata-se do conceito expresso por Denise JODELET (2001) em “As representações sociais” (pg.17), quando ela afirma: “partilhamos este mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo.”

2 – A *acrecção simbólica conservadora*

A *acréção simbólica conservadora* manifesta-se por textos, mensagens e imagens que promovem a exposição, em escala inédita na vida política brasileira recente, de opiniões conservadoras e francamente reacionárias. São imagens que portam símbolos, gestos, palavras de ordem diretamente relacionadas à extrema direita: suásticas nazistas, sigmas integralistas, saudações nazifascistas com o braço direito esticado para frente. Para este artigo observaremos algumas imagens que tiveram ampla circulação na internet e que são originárias do registro das manifestações que, de junho de 2013 a novembro de 2015, foram realizadas nas ruas de cidades brasileiras. Nosso enfoque será direcionado particularmente sobre aquelas imagens que mostram um repertório de slogans que não se viam expostos publicamente desde 1964, quando da preparação do golpe militar ou em sua imediata celebração por seus apoiadores.

Evidentemente não pretendemos afirmar que imagens daquela natureza representem a “totalidade” daquelas manifestações ou esgotem o repertório de imagens produzidas pelas mesmas. Interessa-nos observar como antigas representações sociais de cunho anticomunista, em grande parte inseridas no imaginário nacional entre as décadas de 1930 a 1960, tornam-se novamente evocadas, mais de cinquenta anos depois do golpe de abril de 64 e há três décadas do final da ditadura militar. O velho anticomunismo, com sua ira contra símbolos como a foice-e-o-martelo, se fez presente mas acrescido de uma velha fúria anti-Cuba, e da expressão de um ódio extremado ao PT e a suas principais lideranças. O sopro de conservadorismo, reacionarismo e também de fascismo explícito também se manifestou na eleição de um Congresso Nacional constituído por bancadas extremamente conservadoras, que colocaram em pauta temáticas tradicionais da direita brasileira – como a redução da menoridade penal – e agregaram ataques ao estatuto do desarmamento, às definições de direitos sociais para famílias ampliadas; o reacionarismo no Congresso incluiu também manifestações explícitas de machismo.²

² O Projeto de lei de número 3722/2012, de autoria do Deputado Federal Rogério Peninha Mendonça (PMDB-SC) revoga o Estatuto do Desarmamento e estabelece regras muito mais brandas para a aquisição e o porte de armas no Brasil. Pelos termos do projeto cada cidadão poderá ter até nove armas e 5400 munições por ano, além de ser autorizado a andar armado pelas ruas. Uma revisão deste projeto, de

O que aqui entendemos por *acrecção simbólica conservadora* não se limitou às opiniões e imagens nas redes sociais, às bancadas e iniciativas parlamentares conservadoras no parlamento. Ela atingiu e mobilizou amplos setores da imprensa brasileira, onde velhos e novos colunistas surgiram ou se revigoraram com um inédito contato com multidões dos quais sempre andaram muito distantes. Fato sem precedentes na história da grande imprensa brasileira os grandes meios de comunicação unificaram e compartilharam pautas, coberturas, repercutindo uns as opiniões e informações dos outros, afinados em um discurso ideológico que teve pelo menos dois pontos em comum: a defesa do receituário do neoliberalismo econômico, e um ataque sistemático ao governo petista. Neste contexto as redes sociais serviram como veículo de agendamento e mobilização de manifestações de rua, nas quais a participação foi, na prática, incentivada por coberturas em tempo real pelas grandes redes de televisão.

autoria do Deputado Federal Lauvídio Carvalho, foi aprovada em votação numa comissão especial da Câmara Federal e segue em tramitação. Em outubro de 2015 a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal aprovou o projeto de lei que cria o chamado “Estatuto da Família” — PL 6583/13, de autoria do Deputado Federal Anderson Ferreira (PR-PE) — que estabelece regras restritas para a definição oficial de família no Brasil, excluindo uniões de cunho homoafetivo, famílias ampliadas e até mesmo crianças adotadas. Outro projeto de lei, o de número 5069/13, de autoria do Deputado Federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ) diz que a vítima de estupro só poderá receber atendimento na rede de saúde se antes tiver passado pela polícia e se submetido a um exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal. Em setembro de 2015 o Deputado Federal Jair Bolsonaro (PP-RJ) foi condenado a pagar uma indenização por danos morais no valor de R\$ 10.000,00 por ter afirmado que não estupraria a Deputada Federal Maria do Rosário (PT-RS) por que “ela não merece”.



Imagem 1

A dita acreção simbólica conservadora prosseguiu, de modo que pelas ruas do Brasil, em 2014 e 2015, se viram bonecos enforcados representando Dilma Rousseff e Lula da Silva, adesivos grotescos que propunham o estupro da Presidenta, até gente excessivamente idosa portando cartazes onde se lia um abstruso lamento por Dilma não ter sido torturada até a morte no DOI-CODI (imagem 1), ou por que a ditadura não matou todos “os comunistas”. Paulo Freire e Jô Soares foram alvos de manifestações de ódio, que variavam desde uma suposta “doutrinação marxista” nos escritos de Freire, ao “crime” cometido por Jô Soares de ter entrevistado a Presidenta Dilma Rousseff em seu programa de televisão.³ Ações de protesto típicas das manifestações populares foram apropriadas por aquelas mobilizações. Isso ocorreu, por exemplo, como o painel, uma

³ Até mesmo o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio — ENEM, “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira” foi alvo de uma pesada artilharia. Uma questão do ENEM, que citava uma frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) “Não se nasce mulher, torna-se mulher” mereceu a aprovação de uma moção de repúdio por parte da Câmara Municipal de Campinas (SP), que solicitava ao MEC a anulação da questão.

prática usada para protestar contra a fome representada pelas “panelas vazias”. O estertor das panelas sendo espancadas foi ouvido nos setores mais nobres e condomínios fechados das cidades brasileiras. Mas foram as redes sociais que tiveram um papel fundamental tanto nas mobilizações “espontâneas” de 2013⁴, quanto na organização dos protestos de 2014 e 2015. Cabe neste ponto observar alguns fatos e confrontar alguns dados que dizem respeito à internet no Brasil, em particular no que se refere às redes sociais, e sua utilização nos momentos de embate político, o que faremos a seguir.

⁴Em junho de 2013 teve início um inesperado ciclo de manifestações de rua no Brasil. Marcadas por uma peculiar mistura de demandas sociais por saúde e educação de qualidade, transporte decente, repúdio à violência e a repressão policial. Surgiram ainda nas ruas grupos de anarquistas, blocos de manifestantes mascarados, black blocs organizados, ações de depredação de vitrines de bancos, concessionárias de carros importados, ataques a veículos e profissionais de imprensa, um amalgama imprevisível de revoltas, esgotamentos de paciência. Um dos motes daquelas mobilizações foi a realização da Copa das Confederações, que antecedia em um ano o Mundial de Futebol em 2014, e que expôs o custo astronômico das obras de estádios de futebol, custo que foi imediatamente comparado, nas ruas, a demandas sociais não atendidas. As mobilizações foram também de protesto contra a política brasileira em geral, em particular tendo como alvo o governo de Dilma Rousseff e o PT. Um dos principais combustíveis para a crise política, que então chegara às ruas, foi o julgamento, pelo Supremo Tribunal Federal, da ação penal 470, apelidada pela grande imprensa de “julgamento do mensalão” que teve início em agosto e se estendeu até dezembro de 2012. Em 2014 uma nova onda de manifestações massivas tomou as ruas das cidades brasileiras. O enfoque das pautas sociais de junho de 2013 foi deslocado para pautas eminentemente políticas, o acirramento da campanha eleitoral e a disputa pela Presidência da República repercutiam diretamente nas manifestações de rua.

3 – Redes sociais e posicionamentos ideológicos

As redes sociais já se constituíam, desde pelo menos a campanha eleitoral presidencial de 2006, em um campo de agudo confronto político e ideológico, como reflexo ou eco da vida em sociedade. Uma diversificada “blogosfera” fora formada, incluindo os mais diversos temas, entre os quais a atividade sistemática de desconstrução das notícias e versões de fatos apresentadas pelos grandes meios de comunicação da grande imprensa brasileira, a expansão extremamente rápida das novas redes sociais introduziu um novo elemento, que possibilitou um enorme incremento na velocidade da agregação de opiniões, de mobilização. Esse foi um dos fatores surpreendentes em junho de 2013.

A importância social tem acompanhado o crescimento factual da internet em nosso país. A partir de 2003, e com um enorme incremento nos anos posteriores a 2007, os brasileiros passaram a ter mais acesso aos computadores e à internet. Na verdade, até 2003 pouco mais de 10 milhões de pessoas teriam acesso à internet em nosso país, com o barateamento dos computadores pessoais e o advento do Orkut, primeira rede social a ter grande apelo no Brasil, aquele número triplicaria em 2007, atingindo 30 milhões de pessoas e seguiria na mesma escala de crescimento, tornando a duplicar em 2012, atingindo naquele ano quase 70 milhões de pessoas⁵. Em 2014 a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015), divulgada em 19 de dezembro daquele ano pela a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República⁶ dava conta que 48% dos brasileiros usavam a internet regularmente, aquela pesquisa PBM 2015 foi realizada pelo Ibope com

⁵ Dados em artigo de autoria de José Calazans, analista do IBOPE, Instituto Brasileiro de Pesquisas de Opinião Pública, encontrado em <http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/artigospapers/Paginas/Com-as-redes-sociais-v%C3%A3o-provocar-a-expans%C3%A3o-das-conex%C3%B5es-m%C3%B3veis-no-Brasil.aspx>, consulta em 17-11-2015.

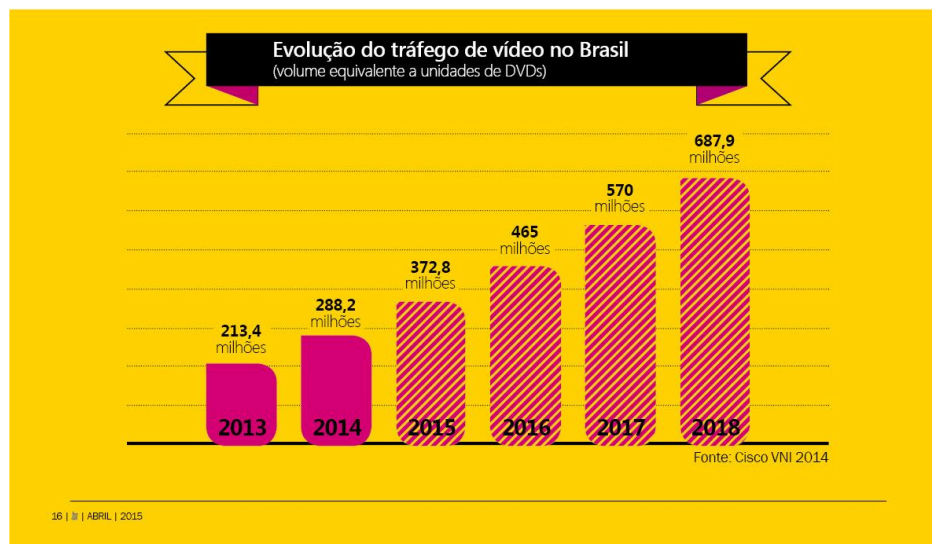
⁶ Matéria completa encontrável em <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>, consulta realizada em 17-11-2015

mais de 18 mil entrevistas entre 5 e 22 de novembro de 2014, por meio de entrevistas domiciliares. Segundo aquela pesquisa dentre os internautas nada menos que 92% estavam conectados a redes sociais. Destes 83% utilizavam-se do Facebook, 58% do Whatsapp, sendo o Youtube (compartilhamento vídeos) e o Instagram (compartilhamento de imagens) usados por, respectivamente, 17% e 12% dos internautas brasileiro, enquanto o Twitter (micro blog com mensagens limitadas a 144 caracteres) era usado por 5% dos internautas.

Ainda segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015) o público da internet no Brasil é, majoritariamente, jovem, considerando que, entre os usuários da internet, 65% dos que têm até 25 anos a acessam todos os dias, e apenas 4% daqueles com mais de 65 anos tem o mesmo hábito. Também existem fortes diferenças no acesso à internet detectáveis a partir de referenciais como o nível de renda, assim os que têm renda de até um salário mínimo 20% a acessam pelo menos uma vez por semana, enquanto entre aqueles com renda igual ou superior a cinco salários mínimos essa mesma proporção subiria para 76%. A frequência de acesso também varia fortemente segundo o nível de escolaridade formal. Assim sendo, 87% daqueles com nível superior acessariam a internet pelo menos uma vez por semana, ao passo que a mesma quantidade de acessos restringe-se a apenas 8% dos que estudaram até a 4ª série do ensino fundamental.

As imagens têm papel fundamental na internet, tanto as fixas, quanto os filmes e vídeos, ou seja, imagem em movimento. Segundo o gráfico abaixo, que reproduzidos da Revista.Br, publicada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil- CGI nota-se e se prevê um crescimento exponencial no tráfego de vídeo no Brasil via internet⁷

⁷ A publicação integral da revista pode ser acessada em <http://www.cgi.br/publicacao/revista-br-ano-06-2015-edicao-08/> acesso em 17-11-2015



Considerando a divisão de acessos à internet, acima colocada, o fenômeno do que estamos denominando de acreção simbólica conservadora pode vir a ser considerado mais inteligível. E considerando a relevância da imagem na internet de forma geral, e, em particular, nas redes sociais, que consideramos relevante pensar tais imagens num contexto de mobilização e reatualização de representações sociais, num momento de agudo embate político, de explicitação de posições ideológicas.

4 – Uma visão positiva da ditadura militar?

Para este estudo interessa-nos sobretudo analisar um processo que, entre outras características, pode representar um tipo de reatualização positiva da ditadura militar brasileira, A frequência de sua representação social. Predominante desde pelo menos a segunda metade dos anos 1970 — época que iniciou a lenta retomada das lutas democráticas no Brasil — a representação social da ditadura militar como um fato essencialmente negativo foi abalada nos últimos dois anos de intensa refrega política. Exemplo dessa reconstrução positiva da imagem da ditadura militar são as citações que se

referem ao período como sendo virtualmente isento de corrupção, sua idealização enquanto época segura para as “pessoas de bem” – outro termo ressuscitado dos anos 1950 – e mesmo através de elogios explícitos à tortura, a torturadores, ao assassinato político, antes impubescíveis ou ao menos restritos a esferas rigorosamente particulares. Em inúmeras manifestações, entre 2013 e 2015, viam-se cidadãos portando materiais nos quais se pedia uma intervenção militar. As receitas de tal intervenção, algumas vezes solicitada em inglês, variavam de um singelo: “forças armadas salve-nos do comunismo” a uma estranhíssima formulação de uma “intervenção militar constitucional”, que é completamente incompatível com a Constituição Federal (imagem 2).



Imagem 2

A positivação do período da ditadura militar brasileira passou, por exemplo, pela aplicação do termo “ditabrandia” em editorial do jornal Folha de São Paulo⁸ para definir o regime imposto em abril de 1964 e que se estenderia até 1985. A ressignificação da ditadura militar brasileira nas redes sociais abrange a reiteração, por exemplo, de um

⁸ Editorial publicado no número da Folha de São Paulo de 17 de fevereiro de 2009. O termo “ditabrandia” é de origem espanhola “dictablanda” e foi cunhado por ocasião da assunção ao poder do ditador Dámaso Berenguer, que procuraria exercê-lo de forma conciliadora. No texto do editorial afirma-se que a ditadura brasileira “preservou formas controladas de disputa política e acesso à Justiça”.

conjunto bastante amplo de opiniões que buscam representá-la como um tempo em que não havia corrupção, e no qual as “pessoas de bem” se sentiam seguras. Bons tempos, em suma, que deveriam voltar para o Brasil.

O processo de ressignificação positiva da representação social da ditadura militar teve seu ícone na foto amplamente divulgada em que um ex-policial do DOPS⁹, apontado pelo relatório da Comissão Nacional da Verdade, como responsável por casos de “detenção ilegal, tortura e execução”, aparece posando e sorrindo entre jovens manifestantes. Ele porta um capacete de modelo francês da Primeira Guerra Mundial (ver imagem 3) que foi utilizado e tornou-se símbolo da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo. Assim a imagem pensava um vínculo entre dois movimentos: a ditadura de 1964, que oficialmente sempre se apresentara como sendo uma “revolução”, a “Revolução de 31 de março” e o movimento paulista de 1932, também auto identificado como “Revolução Constitucionalista” (imagem 4 – cartaz de mobilização de 1932). O capacete de modelo francês, que fora produzido aos milhares em São Paulo e que terminou se tornando um dos ícones do movimento de 1932, era o elo da representação, o elemento material, o objeto evocativo¹⁰, ou seja, um objeto prenhe de relações sentimentais, simbólicas, emocionalmente carregado. Cumpre neste momento observar algumas das imagens que foram coletadas para a elaboração deste artigo. São apenas exemplos, em um amplíssimo repertório de fotografias — pelos limites desta artigo seria

⁹Trata-se de Carlos Alberto Augusto, sobre o qual se lê no relatório da Comissão Nacional da Verdade: 174) Carlos Alberto Augusto (1944-) Delegado de polícia. Serviu no Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DOPS/SP), sendo conhecido como “Carteira Preta” e “Carlinhos Metralha”. Integrou a equipe do delegado Sérgio Paranhos Fleury. Teve participação em casos de detenção ilegal, tortura e execução. Convocado para prestar depoimento à CNV, não foi localizado. Vítimas relacionadas: Carlos Marighella (1969); Eduardo Collen Leite (1970); Antônio Pinheiro Salles e Devanir José de Carvalho (1971); Soledad Barrett Viedma, Pauline Reichstul, Jarbas Pereira Marques, José Manoel da Silva, Eudaldo Gomes, Evaldo Luiz Ferreira de Souza e Edgard de Aquino Duarte (1973).

¹⁰ Utilizamos neste caso o conceito de evocative object (objeto evocativo), desenvolvido, entre outros, por Sherry Turkle. Para uma visão em detalhe de suas várias aplicações, indicamos a leitura do livro *Evocative Objects, Things WeThink With*, editado e publicado pelo Massachusetts Institute of Technology, 2007.

impensável ampliarmos também para charges, fotomontagens, gifs animados, que proliferam pelas redes sociais.



Imagem 3



Imagem 4

A explicitação, em faixas, cartazes, bandeiras etc. de uma representação positiva do período da ditadura militar pode ter se restringido a pequenos, numericamente quase insignificantes, grupos de manifestantes. O fator que deve chamar a atenção e busca um aprofundamento de análise é sua própria presença naquelas manifestações, seu acolhimento, sua “naturalização” no bojo de movimentos que quiseram se apresentar como apolíticos e apartidários. Ao que parece a polêmica sobre a natureza da ditadura militar, a reatualização positiva de sua representação social, implica numa polêmica sobre a democracia e seus valores, particularmente aqueles que dizem respeito aos direitos humanos, às reivindicações de gênero, às minorias sociais e aos direitos dos trabalhadores.

Não nos propomos a supor que a acreção simbólica, através das redes sociais, se dê apenas no campo conservador, nutrindo-se de representações sociais que conforma tal campo, mas sua emergência é um fato novo no contexto político brasileiro. Durante as três décadas que se sucederam ao fim da ditadura militar, a extrema direita esteve

praticamente ausente das ruas, das manifestações de massa, na explicitação de suas bandeiras e slogans.

5 – Anticomunismo e Guerra Fria

A ressurgência de um áspero discurso de cunho anticomunista, banhado em expressões de profundo ódio antipetista, reatualiza antigas representações sociais, que se encontravam armazenadas no imaginário das classes médias brasileiras, e que foram um dos efeitos mais visíveis, no Brasil, da lógica da Guerra Fria, que, ao longo das décadas de 1950 a 1990, com maior ou menor intensidade, fundara-se na divisão do mundo em duas grandes áreas de influência político-econômica, os dois blocos capitaneados pelos Estados Unidos e pela União Soviética. A guerra fria foi um confronto marcado por uma pesada disputa no campo ideológico, mais intensa mesmo que em qualquer arena real de combate. Nesse sentido observa HOBBSAWM (2007, pg 224):

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética.

Depois da Segunda Guerra Mundial a influência norte-americana no Brasil cresce exponencialmente, quer no campo econômico, quer na área cultural, quer no imaginário das classes médias. A avassaladora influência estado-unidense também será um reforço ao anticomunismo brasileiro, observa ainda HOBBSAWM (2007, pg 233).

Todos os governos europeus ocidentais, com ou sem grandes partidos comunistas, eram empenhadamente anticomunistas, e decididos a proteger-se de um possível ataque militar soviético. Nenhum deles teria hesitado, caso solicitados a escolher entre os EUA e a URSS, mesmo aqueles que, por história, política ou negociação, estavam comprometidos com a neutralidade. Contudo, a "conspiração comunista mundial" não era um elemento sério das políticas internas de nenhum dos governos com algum direito a chamar-se democracias políticas, pelo menos após os anos do imediato pós-guerra. Entre as nações democráticas, só nos EUA os presidentes eram eleitos (como John F. Kennedy em 1960) para combater o comunismo, que, em termos de política interna, era tão insignificante naquele país quanto o budismo na Irlanda. Se alguém introduziu o caráter de cruzada na Realpolitik de confronto internacional de potências, e o manteve lá, esse foi Washington.

Com o advento da chamada “Guerra Fria” o conservadorismo brasileiro teve reforçado seu componente de explícito anticomunismo, que já vinha sendo desenvolvido, particularmente entre as forças armadas, a partir da derrota da rebelião de 1935¹¹. O enfrentamento ao comunismo propiciava um amplo guarda-chuva para ideias e práticas que procuravam manter as estruturas sociais e de poder intocadas no Brasil e propiciavam um mote ideológico permanente ao conservadorismo. Criou-se, para consumo de amplos setores da classe média, representações sociais como as do “perigo vermelho”, “a ameaça comunista internacional”, o “ouro de Moscou”. Até de canibalismo os comunistas foram acusados, tudo se englobava numa ameaça ao “modo de vida”, à liberdade individual, à possibilidade de ascensão social. Observa RODGHERO(2002, pg 208)¹²:

O fenômeno do anticomunismo diz respeito a uma postura de oposição sistemática ao comunismo ou àquilo que é a ele identificado, uma oposição que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas. O anticomunismo é

¹¹ O levante de 1935 recebeu vários nomes sendo o mais pejorativo deles atribuído pela cúpula militar brasileira a “intentona comunista”. Liderado pela Aliança Nacional Libertadora, da qual o Partido Comunista do Brasil – PCB, fazia parte, o movimento teve maior expressão em Recife, Rio de Janeiro e Natal, onde chegou a ser instaurado um governo provisório, de duração ínfima. Uma das características do levante foi a participação de grande número de militares de baixa patente e oficiais de nível baixo ou intermediário, essa participação levou aos comandos das forças armadas a reforçar sua unidade ideológica estabelecendo o discurso anticomunista como um dos pilares daquela unificação.

¹²RODEGHERO, C. S. ; Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil no anos da Guerra Fria. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n.44, p. 463-487, 2002. disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000200010&script=sci_arttext, consulta em 29-11-2015

o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no Legislativo, etc.

Desde os anos 1930, intensificando-se ao longo da década de 1950 e 1960, o fantasma do “perigo vermelho” serviu para construir carreiras políticas, irrigar os cofres de instituições, prover recursos para órgãos de imprensa. Observa SÁ MOTTA (2002, pg 208):

A ocorrência de manipulações foi um elemento constante na história do anticomunismo brasileiro. O terror anticomunista foi artificialmente insuflado, visando a obtenção de ganhos políticos, eleitorais e até pecuniários. Porém, isto não altera o fato de que muitos grupos e indivíduos anticomunistas agiam movidos por convicções ideológicas e não de forma oportunista¹³.

O autor supracitado menciona casos como os do Deputado Estadual carioca Amaral Netto, do ex-governador de São Paulo Ademar de Barros e do antigo líder da direita brasileira Carlos Lacerda como beneficiários, diretos ou indiretos, das campanhas anticomunistas tão comuns no Brasil pré-golpe militar. Ele se refere inclusive à célebre expressão “indústria do anticomunismo” que qualificava as ações de cunho oportunista, que se valiam de uma superestimação da chamada “ameaça comunista” para obter vantagens, status social ou mesmo lucro financeiro¹⁴.

As imagens de cunho anticomunista tiveram como alvo preferencial Cuba (imagem 5), eleita como inimiga, em grande parte a partir da polêmica surgida pela vinda de médicos daquele país para servirem no Brasil em comunidades carentes, através do programa “Mais Médicos” do Governo Federal. A suposta ameaça de transformação do

¹³SÁ MOTTA, R. P. 2002. Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva.

¹⁴ Ver artigo A “indústria” do anticomunismo, de Rodrigo Patto Sá Motta, disponível em <http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/15/15art6.pdf>, consulta em 28-11-2015.

Brasil em um país comunista, usada fartamente em manifestações em 1964 de apoio ao golpe militar, reapareceram, praticamente repetindo os mesmos termos de cinco décadas antes (imagem 6)



Imagem 5



Imagem 6

6 - Acreção: uma analogia a partir de uma experiência em micro gravidade

Em 2004 foi realizado um experimento a bordo da Estação Espacial Internacional¹⁵, no qual o astronauta norte-americano Donald R. Pettit levou até o espaço pequenos sacos de plástico transparente contendo sal, açúcar e grãos de café. Os sacos foram então fortemente sacudidos para que se observassem os efeitos em seus conteúdos em presença da micro gravidade reinante na Estação Espacial. Após alguns segundos, os grãos começaram a se agregar, formando estruturas mais amplas, o que poderia ser interpretado como a reprodução, em escala mínima, de um fenômeno que os astrônomos e cosmólogos creem ser fundamental na dinâmica da formação planetária: a acreção. A observação de que ocorria aquele processo dentro daqueles sacos de matéria foi feita inicialmente por outro astronauta presente na ISS¹⁶, Stanley G. Love. Através da acreção grânulos de poeira cósmica se agregariam em estruturas cada vez maiores, num ambiente de uma nuvem cósmica protoplanetária, e gerariam assim estruturas progressivamente maiores e mais complexas. Aquela experiência foi amplamente divulgada através de vídeos, hoje disponíveis na internet,¹⁷ e levantou várias questões e debates na comunidade científica, sobre, por exemplo, se seria plausível a comparação entre o meio de um disco protoplanetário e um pequeno saco plástico preenchido com sal ou outras substâncias.

Daquele experimento busco resgatar duas imagens, duas analogias: um meio de micro gravidade no qual vogam partículas ínfimas e no qual elas passam a se agregar, formando, pelo processo da acreção, estruturas maiores e mais complexas. A analogia da

¹⁵ Um relato desta experiência pode ser encontrado em <http://www.skyandtelescope.com/astronomy-news/building-planets-in-plastic-bags/1/?c=y>, texto em inglês. O extrato de um artigo assinado do D.R. Pettit e S.G. Love, no qual são fornecidas informações técnicas detalhadas sobre o experimento pode ser lido em <http://www.lpi.usra.edu/meetings/lpsc2004/pdf/1119.pdf>, texto em inglês. Consulta realizada em 12/11/2015.

¹⁶ ISS, sigla, em inglês, para International Space Station, Estação Espacial Internacional

¹⁷ Uma série de experiências realizadas pelo Dr. Donald Pettit a bordo da Estação Espacial Internacional, incluindo as de acreção de grânulos de sal e açúcar, pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=jXYlrw2JQwo>. Consulta em 12/11/2015.

acréção simbólica conservadora propõe uma analítica do mecanismo pelo qual as ideias do senso comum da classe média brasileira acream e são fortalecidas ao mesmo tempo em que fortalecem representações sociais estabelecidas, bem como propiciam a criação de movimentos maiores, de cunho explicitamente conservador, reacionário e até fascista. O fenômeno da acréção através das redes sociais teria uma lógica semelhante àquela descrita por DELEUZE (1998) no que se refere ao rizoma:

Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza.

Ainda pensando com DELEUZE (1998) e o conceito de rizoma, podemos conceber a natureza rizomática da rede de computadores propiciaria que a acréção simbólica possa ser analisada como uma forma de agenciamento:

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. (DELEUZE, 1998: p.16)

As linhas, no caso da acréção simbólica conservadora, estariam vinculadas a representações sociais antigas no Brasil como aquela que pensa a política “como coisa suja”, ao repertório de medos e fantasmas sociais vinculados ao clássico anticomunismo, mas também a pautas tradicionalmente conservadoras (homofobia, racismo, preconceito social, redução da menoridade penal) se amplificam num ataque sistemático aos direitos humanos, apresentados como exclusivamente relacionados à “defesa de bandidos” contra “pessoas de bem”. A resignificação da ditadura militar brasileira e a construção de um projeto político que passe por uma intervenção militar são apenas passos lógicos do desenvolvimento daquelas linhas.

7 – Redes sociais: um ambiente de “micro gravidade”?

A analítica da acreção simbólica precisa pensar algumas das características do modo como o usuário se coloca frente à internet e suas imagens e, em particular, como participa das redes sociais. As redes sociais permitem o compartilhamento praticamente instantâneo de imagens, filmagens, vídeos, que são “curtidos” (ou seja, bem vistos, bem qualificados) ou instantaneamente comentados de modo a desqualificá-los. Ao se situar simultaneamente enquanto espaço público (definição mesma de uma rede *social*) e expressão privada de opiniões, gostos, preconceitos e estereótipos que costumeiramente ficavam restritos a conversas ou mesmo pensamentos íntimos, as redes sociais expuseram o privado em público. Expuseram um amplo repertório de representações sociais.

O ambiente aparentemente “espontâneo” e “livre” das redes sociais configura uma diminuição de instrumentos de controle e censura social, uma “micro gravidade” onde podem ter livre curso a expressão crua de representações sociais negativas. Assim vimos aflorar inúmeros casos de racismo – sobretudo tendo como alvo pessoas comuns e também personalidades negras¹⁸; a xenofobia, acrescida de anticomunismo e temperada por fortes doses de preconceito social encontrou um alvo ideal nos “médicos cubanos”¹⁹, desqualificados em um número enorme de postagens e artigos na imprensa e na internet. O fluxo de opiniões conservadoras, reacionárias e a expressão de ódios e preconceitos pode ser analisada como um modo de circulação do poder.

Michel Foucault postulava que o poder não existe, mas é uma relação, algo que circula, que parte de “mecanismos infinitesimais”, como as opiniões conservadoras nas

¹⁸ Apenas a título de exemplo lembramos os ataques feitos à jornalista Maria Julia Coutinho, em comentários racistas postados na página do Jornal Nacional da Rede Globo, em 15 de julho de 2015; as agressões, também racistas, à atriz Taís Araújo foi alvo de injúrias racistas veiculadas na mesma rede social, em 1 de novembro de 2015.

¹⁹ Um total de 11.429 médicos oriundos de Cuba atuam no Brasil nos termos do convênio firmado entre o Ministério da Saúde e o governo de Cuba, participando do programa Mais Médicos, que atende, preferencialmente, municípios e regiões onde há grande carência de médicos.

redes sociais. A observação de Foucault feita em *Microfísica do Poder*, pode nos ajudar nessa análise das redes sociais e seu papel de acreção conservadora:

(...) o importante não é fazer uma espécie de dedução do poder que, partindo do centro, procuraria ver até onde se prolonga para baixo, em que medida se reproduz, até chegar aos elementos moleculares da sociedade. Deve-se, antes, fazer uma análise ascendente do poder: partir dos mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investidos, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados, etc., por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação global. Não é a dominação global que se pluraliza e repercute até embaixo. Creio que deva ser analisada a maneira como os fenômenos, as técnicas e os procedimentos de poder atuam nos níveis mais baixos; como estes procedimentos se deslocam, se expandem, se modificam; mas sobretudo como são investidos e anexados por fenômenos mais globais; como poderes mais gerais ou lucros econômicos podem inserir-se no jogo destas tecnologias de poder que são, ao mesmo tempo, relativamente autônomas e infinitesimais. (FOUCAULT, 1998: 183)

A acreção simbólica conservadora é um dos fenômenos do atual quadro político brasileiro, a análise que propomos pode ajudar a compreender alguns de seus aspectos, relacionados tanto ao perfil da internet no Brasil, quanto ao modo como está utilizada por seus usuários nas redes sociais. As imagens que circulam na rede, quer sendo visualidades explícitas, quer enquanto representações sociais, podem ser analisadas dentro de um contexto mais amplo. A viralização e rápida propagação de conteúdos, imagens, ideias, ou seja, de representações sociais nas redes sociais está relacionada à construção, na sociedade real, e a circulação das representações sociais.

Em suma postulamos que o fenômeno da acreção simbólica conservadora relaciona-se a vários componentes. Primeiro ele é observável no cotidiano das redes sociais, que expõem opiniões, gostos e julgamentos privados e mesmo íntimos em um meio eminentemente social, mas cuja utilização é vista pelos usuários como intrinsecamente particular. O ambiente de “micro gravidade” das redes sociais é o elemento necessário, mas por si só não suficiente para que a acreção se dê.

Em segundo lugar, a atualização de representações sociais, vinculadas, ao imaginário anticomunista, e a um processo de ressignificação positiva do período da ditadura militar teve como combustível um contexto político de profunda crise política,

marcada por radicalizações de posições e poucas iniciativas de diálogo. As declarações de ódio, as celebrações de figuras públicas que se nutrem do ódio cultivado a minorias, aos “direitos humanos” (apresentados frequentemente como “direitos de bandidos”) terminam por configurar um sistema que se realimenta permanentemente, uma espécie de moto perpétuo do conservadorismo e da intolerância.

Em terceiro lugar é necessário situar a produção ativa de conteúdos e representações conservadoras, quer através da atuação de bancadas parlamentares, lideranças, instituições, organizações não-governamentais e intelectuais conservadores, quer pelo papel engajado e participante dos grandes meios de comunicação da imprensa brasileira, marcadamente tendente para ampliar os sinais da crise e dela participar como um elemento ativo.²⁰

À crise política, e potencializando-a a cada momento, agrega-se o agravamento das condições econômicas e ainda o aparentemente interminável cortejo de denúncias de corrupção envolvendo altos escalões de empresas estatais, parlamentares, grandes empresários e instituições. A investigação da corrupção teve o efeito não de criar a imagem de um combate sistemático que a esta se ofereceria, mas a impressão de uma generalização insuportável da corrupção por toda sociedade. As adormecidas representações sociais — que foram particularmente reforçadas durante o período da ditadura militar— e que propõem a política em geral como um meio “naturalmente” sujo puderam assim se generalizar, constituindo-se em elemento fundamental no processo de acreção conservadora em curso no Brasil.

²⁰ A promoção de pontos de vista específicos pelos meios de comunicação tem na revista *Veja* um exemplo interessante dessa participação ativa na crise política, ao eleger alvos prioritários de ataque e também ao promover a imagem pública de personalidades aliadas a sua posição. Neste último caso situa-se uma capa da revista *Veja* de março de 2015, enaltecendo a figura do então recém-eleito Presidente da Câmara Federal, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Naquele momento ele foi caracterizado como um político “tido como ambicioso e hábil”, a capa da revista tinha como manchete: “A súbita força de Eduardo Cunha” e um texto complementar onde se lia: “Quem é, o que pensa e qual é o jogo do Presidente da Câmara dos Deputados, que se tornou o político mais poderoso do Brasil”

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, G.; GUATARI, F. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*, São Paulo: Editora 34, 2000

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, 13ª edição, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998

HOBSBAWM, E. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JORDELET, D. (2001) em *As representações sociais*, Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

SÁ MOTTA, R. P. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002

Fontes da internet:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=u82t0sCZDpwC&oi=fnd&pg=PP7&dq=Sherry+Turkle+evocative+objects&ots=7jCD-Vxb5a&sig=T5vnhdFh0i_VaLXvsc8JM0khIXE#v=onepage&q=Sherry%20Turkle%20evocative%20objects&f=false, consulta em 01-12-2015

<http://www.lpi.usra.edu/meetings/lpsc2004/pdf/1119.pdf>, texto em inglês. Consulta realizada em 12/11/2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=jXYlrw2JQwo>. Consulta em 12/11/2015.

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000200010&script=sci_arttext, consulta em 29-11-2015

<http://www.ibope.com.br/pt-br/conhecimento/artigospapers/Paginas/Com-as-redes-sociais-v%C3%A3o-provocar-a-expans%C3%A3o-das-conex%C3%B5es-m%C3%B3veis-no-Brasil.aspx>, consulta em 17-11-2015.

<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>, consulta realizada em 17-11-2015

<http://www.cgi.br/publicacao/revista-br-ano-06-2015-edicao-08/> acesso em 17-11-2015

